

MUNDO RONDON



Revista do Projeto Rondon

33



10 ANOS DE RONDON

Desde a retomada, em 2005, 270 universidades participaram das operações que atenderam mais de mil municípios

MEIO AMBIENTE

Rondonistas ajudam município em situação de emergência no sertão do Ceará



MUNDO RONDON

Revista do Projeto Rondon



EDITORIAL



para o papel as emoções e as experiências vividas.

O lançamento desta edição da Revista se dá no ápice das comemorações, durante o III Congresso Nacional do Projeto Rondon, momento em que recebemos alunos e professores rondonistas de todo o País para lançar olhares convergentes sobre o Projeto Rondon de ontem e de hoje e projetar o de amanhã.

Esta Edição é rica em experiências e exala emoções. Seus textos trazem de tudo um pouco: melhores práticas, comunicação, transpiração, experimentos, transformação, troca e principalmente reflexão. Os textos te inspiram e te convidam a pensar sobre seu papel como cidadão. Percorra este caminho com os olhos de quem o percorreu com os pés.

Acreditamos que a Revista Mundo Rondon traz ações que transformam!

A todos, uma boa leitura!

General Joaquim Silva e Luna
Coordenador-Geral do Projeto Rondon

Gostaríamos de saber como o Projeto Rondon mudou a sua vida.
Envie sua história para projetorondon@defesa.gov.br

ÍNDICE

EXPEDIENTE

Ano II, edição especial, 2015

A revista não se responsabiliza por artigos e opiniões assinadas. As matérias podem ser reproduzidas, desde que mencionada a fonte.

Ministro de Estado da Defesa:

Jaques Wagner

Coordenação-Geral do Projeto Rondon:

Walmir Almada Schneider Filho

Projeto gráfico e diagramação:

FSB Comunicações

Edição e revisão:

Gabriela Campos/Ascom-MD;
Marina Mello/FSB

Fotos:

Tereza Sobreira/Ascom-MD; André Maceira/FSB

Textos:

Lane Barreto/Ascom-MD; Cláudia Sanz/ FSB; Aline Reis/FSB

Endereço para correspondência:

Ministério da Defesa, Esplanada dos Ministérios, Bloco Q – Protocolo. CEP: 70049-900 Brasília – DF Tel.: (61) 2023-5280

Impressão:

Imprensa Universitária - SC

Tiragem:

3 mil exemplares



DE “INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR” À “LIÇÃO DE VIDA E DE CIDADANIA”

Fábio Silveira de Lima

06

AÇÕES TRANSFORMADORAS

Mara Rúbia

09

A NOVA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Alexsander Landim

10

EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM

Karine Zanotti, Beatriz Figueiredo Eschholz e Bárbara de Abreu Francisco

11

A COMUNICAÇÃO SOCIAL DO PROJETO RONDON E O CONJUNTO “C”

Alexandre Scholtz

13

OPORTUNIDADE DE FORMAÇÃO CIDADÃ

Prof.ª Emili Coimbra de Souza

18

CRÔNICA: NA MONTANHA FRIA DE VARGEM ALTA

Eliana Baptista Greco Ilário

19

TRANSFORMAÇÃO VIVER O “RONDONISMO”

Prof. Dra. Ana Maria Bellani Migott

20

RONDONISTA, QUAL É SUA LIÇÃO?

Júlia Letícia da Silva Onório, Silmara Gabriela da Silva e Maria Rosa da Silva

22

PROJETO RONDON: DE “INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR” À “LIÇÃO DE VIDA E DE CIDADANIA”

FÁBIO SILVEIRA DE LIMA

Coordenador de Comunicação Social do Projeto Rondon

OS PRIMÓRDIOS DA PRIMEIRA OPERAÇÃO DO PROJETO RONDON

Nos idos de 1966, o professor Almir Madeira solicitou aos oficiais-alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), localizada na Praia Vermelha, no então estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro, a realização de um trabalho de Sociologia intitulado “O militar e a Sociedade Brasileira”. O professor Almir convidou um grupo de docentes civis para fazer análise dos trabalhos e discuti-los com esses oficiais.

O professor Wilson Choeri, então diretor Cultural da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), lamentou que os cidadãos civis não tivessem essa experiência já que suas carreiras profissionais eram geralmente desenvolvidas no mesmo local onde nasceram ou estudaram.

O general de brigada João Bina Machado, comandante da ECEME, desenvolveu, junto com a UEG, o Seminário de Educação e Segurança Nacional, ocorrido entre os dias 17 de outubro e 11 de novembro de 1966, cabendo ao professor

Wilson Choeri a coordenação.

Ao final do Seminário, constatou-se a necessidade de levar, sistematicamente e periodicamente, os jovens universitários aos pontos mais remotos do território nacional, especialmente à Amazônia. Nesse mesmo ano, Choeri idealizou um projeto, o qual denominou de “Projeto Rondon”, para levar a juventude universitária a conhecer a realidade deste país continental, multicultural e multirracial e, especialmente, de proporcionar aos estudantes universitários a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento social e econômico do País.

Em 11 de julho de 1967, a equipe formada pelos 30 universitários e dois professores oriundos da Universidade do Estado da Guanabara, Universidade Federal Fluminense e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro partiu da Guanabara com destino ao território de Rondônia a bordo de uma aeronave DC-3, pertencente ao Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS), conseguida com o empenho do coronel Mauro Costa Rodrigues, do Ministério do Exército, e do ministro do Interior, general Afonso Augusto Albuquerque de Lima.

No desembarque em Porto Velho, capital de Rondônia, todos ficaram alojados no 5º Batalhão de Engenharia de Construção (5º BEC), onde permaneceram até a partida para os municípios que seriam atendidos pelos jovens universitários. Essa operação

durou 28 dias e foram realizados levantamentos, pesquisas e assistências médicas no interior daquele território federal.

O CLAMOR POR SOLUÇÕES

Em 28 de junho de 1968, foi editado o Decreto nº 62.927, instituindo, em caráter permanente, o Grupo de Trabalho “Projeto Rondon”, cuja subordinação ficaria com o Ministério do Interior e a participação de outros ministérios, a fim de promover estágios de serviço para estudantes universitários, objetivando conduzir a juventude a participar do processo de integração nacional.

Instalaram-se, a partir de 1969, os chamados campi avançados. O campus avançado representava a fixação da universidade em uma determinada região do interior brasileiro e surgiu com o objetivo de transformar o Projeto Rondon, inicialmente um projeto sazonal, em efetivo, com atividades nas variadas regiões do país durante o ano inteiro e não somente no período de férias dos alunos. O 1º campus avançado foi implantado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em Boa Vista, em Roraima, no dia 6 de agosto de 1969.

Em 6 de novembro de 1970, o Decreto nº 67.505 reformula o Grupo de Trabalho Projeto Rondon, assegurando-lhe autonomia administrativa e financeira e passando a ser denominado apenas de “Projeto Rondon”. Essa autonomia financeira do Projeto Rondon ficou assegurada pelo Fundo do Projeto Rondon (FUNRONDON).

Um passo importante para o Projeto Rondon foi a edição da Lei nº 6.310, de 15 de dezembro de 1975. Essa lei autorizava a instituição da Fundação Projeto Rondon, extinguindo assim o Projeto Rondon. A Fundação tinha a missão precípua de motivar a participação voluntária da juventude estudantil no processo do desenvolvimento, da integração nacional e da valorização do homem, em cooperação com o Minis-



tério da Educação e Cultura.

Contudo, a edição da Medida Provisória nº 28, de 15 de janeiro de 1989, regulamentada pela Lei nº 7.732, de 14 de fevereiro de 1989, extinguiu autarquias e fundações públicas federais. Isso incluiu a Fundação Projeto Rondon, vinculada ao Ministério do Interior. Todos os bens imóveis de propriedade da fundação foram incorporados ao patrimônio da União, e os bens móveis, materiais e equipamentos integrantes do patrimônio da fundação extinta, também, passaram ao patrimônio da União e, após inventário, à responsabilidade do Ministério a que estivesse vinculada a entidade.

Durante os 22 anos (1967-1989) de atuação do Projeto Rondon, cerca de 10 mil professores e 350 mil universitários em todos seus programas (Operação Nacional, Operação Regional, Operação Especial, Centro de Atuação Permanente, Campus Avançado e Programa de Interiorização) conheceram a realidade de povoados ribeirinhos da Amazônia, do sertão nordestino e das vilas pobres nas cidades

vizinhas às capitais.

NOVA FASE DO PROJETO RONDON

Em 15 de abril de 2003, a Folha Online noticiava que a União Nacional dos Estudantes (UNE) apresentaria uma proposta ao secretário-geral da Presidência da República, Luiz Dulce, para reeditar o Projeto Rondon. Alguns meses depois, outros jornais ainda noticiavam a possibilidade da retomada do Projeto Rondon.

Com o apoio do Presidente da República, foi instituído um grupo de trabalho interministerial, em março de 2004, para o estabelecimento de diretrizes, dos objetivos e da sistemática de trabalho para execução do Projeto Rondon. Isso resultou na formulação do Decreto de 14 de janeiro de 2005, criando o Comitê de Orientação e Supervisão (COS) do Projeto Rondon, cuja presidência cabe ao Ministério da Defesa.

O COS tem como objetivo a execução das ações do Projeto Rondon de acordo com as diretrizes básicas, a orientação da política de atuação do Projeto Rondon e

da proposição de diretrizes para as atividades a serem desenvolvidas.

Em 19 de janeiro de 2005, ocorre o relançamento do Projeto Rondon com a participação de 200 professores e estudantes universitários, representando 40 Instituições de Ensino Superior (IES), em 11 municípios do Estado do Amazonas. A marca e o lema do Projeto Rondon sofreriam alterações para essa nova concepção, tendo como dizeres "lição de vida e de cidadania".

Necessitava-se de um documento de mais alto nível de planejamento do Projeto Rondon, que estabelecesse os objetivos e as orientações que norteariam os planejamentos decorrentes. Nasce a Concepção Política do Projeto Rondon, instituída pela Portaria Normativa nº 2.617, de 7 de dezembro de 2015, destacando que o Projeto Rondon é uma ação interministerial do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, cujo escopo de atuação possui duas grandes vertentes: a formação do jovem universitário como cidadão e o desenvolvimento sustentável nas comunidades carentes.

Pela sua atuação em parceria com as IES, o Projeto Rondon foi laureado com o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação, em 22 de novembro de 2016. O Prêmio Darcy Ribeiro foi criado em 1988, pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados em homenagem ao educador Darcy Ribeiro, com objetivo de contemplar pessoas e/ou entidades cujos trabalhos mereceram destaque especial na defesa e na promoção da Educação Brasileira.

Nesses 12 anos de Projeto Rondon, realizaram-se 78 Operações que abrangem 1.164 municípios de 24 Unidades da Federação, onde 2.219 instituições de ensino superior participaram com 21.935 rondonistas, dentre professores e universitários, beneficiando cerca de dois milhões de pessoas.

O CINQUENTENÁRIO DO PROJETO RONDON

No ensejo das comemorações dos 50 anos do Projeto Rondon, cerca de 500 rondonistas participaram das Operações "Rondônia Cinquentenário", em Rondônia, entre os dias 6 e 23 de julho, e "Serra do Cachimbo", nos estados do Mato Grosso e Pará, de 15 a 29 de julho.

Em Rondônia, local da primeira Operação do Projeto Rondon, a agenda contou com alguns eventos especiais. No dia 8 de julho, no Memorial Rondon, foi inaugurada uma placa em comemoração aos 50 anos de execução do Projeto Rondon.

Nesse mesmo dia, no Palácio das Artes, em Porto Velho, ocorreu a solenidade de comemoração dos cinquenta anos da Operação Zero do Projeto Rondon. A cerimônia marcou também a abertura da Operação "Rondônia Cinquentenário". O evento contou com a presença de rondonistas de todas as gerações, destacando o pioneiro da Operação Zero do Projeto Rondon, o médico Michel Silvestre Asbu, o professor Raul Choeri, filho do Wilson Choeri, idealizador do Projeto Rondon, e de Ricardo Deo, filho de Vittorio Deo, rondonista na Operação Zero em 1967.

Em outubro, encerrando os eventos alusivos ao cinquentenário, ocorrerão a Sessão Solene da Câmara dos Deputados, em Brasília, e o III Congresso Nacional do Projeto Rondon, parceria do Ministério da Defesa com a Universidade de Brasília (UnB).



Foto: Prof Mara Rúbia

Rondonista e professora da disciplina de pneumologia do curso de medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) Operação Rondônia Cinquentenário

ACÕES TRANSFORMADORAS

MARA RÚBIA

Ao completar 50 anos, o Projeto Rondon demonstra, além de maturidade, o arrojo de uma organização moderna, inovadora e alinhada com o discurso de reconhecidas autoridades internacionais na área do desenvolvimento das capacidades dos seres humanos. Isto poderia ser ilustrado no paralelo feito a seguir entre duas histórias reais e recentes.

A primeira história real ocorreu em maio de 2017, em Washington, nos Estados Unidos. O economista americano James Heckman palestrou, durante a ce-

rimônia de abertura do Congresso Anual da "American Thoracic Society". Foi um discurso impactante por vir de um economista para uma plateia de profissionais da saúde que tradicionalmente estão acostumados a conferências proferidas por seus pares, ou seja, sem precisarem sair de suas zonas de conforto. Em resumo, este ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 2000 e professor da Universidade de Chicago explicou inicialmente que existem três tipos de capacidades humanas: a cognitiva (habilidade para resolver problemas abstratos e conhecimento solidificado), as capacidades



Foto: Prof Mara Rúbia

Rondonista e professora da disciplina de pneumologia do curso de medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) Operação Rondônia Cinquentenário

socioemocionais (tais como, paciência, autocontrole, aversão ao risco, etc) e as capacidades biológicas (físicas e psicológicas). Mas queria mesmo era enfatizar para a plateia constituída por milhares de pessoas oriundas de diversos países o quanto que as capacidades humanas dependem muito mais do ambiente - e, portanto, dos investimentos em ações transformadoras deste ambiente - do que da genética, como se acreditava no passado.

O outro fato real ocorreu em julho de 2017, em Guajará-Mirim (RO), no Brasil. Os rondonistas da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) unidos em uma equipe, nas suas oficinas, colocaram em prática a apostila na mudança de ambiente para melhor e de forma sustentável, nas áreas da saúde, educação, cultura, meio ambiente, direitos humanos, tecnologia e produção. E, através do acolhimento alegre das crianças e da face serena do jovem indígena brasileiro de cocar na cabeça e camiseta da seleção de futebol, no dia da chegada; ou, dias depois, através do aceno amistoso da população, na hora da despedida, puderam acreditar que vale a pena compartilhar o conhecimento e aprender com as populações que mais necessitam. E seguir acreditando que as capacidades humanas das gentes do nosso extenso Brasil estão prontas para melhorar no convívio de cidadania e patriotismo do Projeto Rondon. Vida longa e parabéns pelos 50 anos!

A NOVA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ALEXANDER LANDIM

Bacharelando em Direito Campus de Barra do Bugres Unemat

Dentre os grandes pilares para um país se desenvolver, a educação é responsável pelo entendimento do imenso respeito que precisa haver entre as pessoas, sem distinção de raça, cor, sexo, idade ou qualquer outra forma de discriminação. Assim, promover a liberdade e combater todo tipo de preconceito é essencial para uma vida sem violência, e, dessa forma, priorizar o convívio de todos juntos. Em relação a isto, existem programas sociais que auxiliam a levar conhecimento para o desenvolvimento pessoal, como o Projeto Rondon.

Sendo de imenso aperfeiçoamento e voltado para criação de novos multiplicadores nas regiões de elaboração das oficinas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), o Projeto Rondon é um

grande programa social que, além de levar conhecimento e informação para as comunidades, abrange o amor por todos os envolvidos, promove a liberdade, condenando qualquer tipo de violência conhecida, e procura trazer a alegria para o convívio entre todos os rondonistas e a população. Devido a isso, distribuir o respeito e encantar a população com novos conhecimentos é uma das contribuições que todas as pessoas precisam fazer para que a discriminação desapareça.

Como a educação é a base para se discernir o certo do errado, o Brasil não contribui ao certo para uma melhora nesse setor. Dessa maneira, a mídia relata sobre muitas violências pelo território, e, às vezes, pelo simples fato do indivíduo ter optado por uma escolha diferente, como a orientação sexual, não é respeitado por

outros, que consequentemente sofre violência moral e física, e, em alguns casos, levam à morte. Devido a alguns acontecimentos como esse, informações devem ser passadas à população brasileira. E um projeto que contribui como um todo, é o Rondon, que leva lições de vida e cidadania por meio dos estudantes universitários.

Portanto, a cada dia a inclusão deve acontecer, pelas pessoas negras, ricas ou religiosas, que por questões tracionais, não amadurecem com os anos que se passam. Assim necessitam ver que, em pleno século XXI, a paz precisa reinar sobre cada indivíduo, procurando informar as próximas gerações que, ser cidadão é ter amor para com todas as pessoas, independentemente de suas raízes. Sendo que participando de projetos como o Rondon, o crescimento como indivíduo, sem preconceito, é simplesmente concretizado. Então, coloque o chapéu de rondonista e viva as experiências distribuindo muito amor pelas comunidades do Brasil!



OBS: A Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) desenvolveu oficinas voltadas para a área da educação, no que os palestrantes Alexander P. Landim e Klesley Hiago da R. Tavares tiveram o imenso prazer de ir além dos assuntos com a comunidade.

MEIO AMBIENTE EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM

**KARINE ZANOTTI, BEATRIZ FIGUEIREDO ESCHHOLZ
BÁRBARA DE ABREU FRANCISCO**



Na cidade de Guajará-Mirim, no estado de Rondônia, cerca de 330 km da capital Porto Velho, um grupo de rondonistas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) participou da Operação Cinquentenário, no período de 09 a 21 de julho de 2017, atuando no Conjunto B. Com a missão de formar multiplicadores e proporcionar um crescimento bilateral entre os alunos e a comunidade, a equipe trabalhou em aldeias indígenas, reservas extrativistas, no centro urbano e também em distritos mais afastados da cidade.

Dentre estas diferentes experiências, uma das mais marcantes foi a atuação na aldeia Tanajura. Com a assistência do Exército, a equipe se locomoveu por cerca de quatro horas em uma embarcação até a aldeia indígena para um dia repleto de

atividades, das quais estavam previstas oficinas dos grupos Meio Ambiente e Tecnologia e Produção sobre Gestão de Resíduos e Saneamento Básico, respectivamente.

Inicialmente, as oficinas foram preparadas para ocorrerem separadamente, ambas no mesmo horário, no período da manhã. Porém, ao chegar na aldeia e ver de perto a realidade e as demandas, optou-se por uni-las. A junção se deu devido à potencialidade do tema para aquele local e o interesse dos moradores; visando atingir o máximo de pessoas, ao invés de separá-las em duas oficinas; além da grande afinidade dos temas Saneamento e Resíduos, que são complementares.

As adaptações tiveram que ser feitas rapidamente. Manteve-se o formato previamente elaborado de roda de conversa – justamente para incentivar a participação e possibilitar um compartilhamento de ideias

entre alunos e indígenas. A discussão foi guiada por meio de perguntas gerais sobre a infraestrutura da aldeia, as quais direcionaram o foco da discussão aos pontos mais interessantes para os próprios participantes. A união das oficinas tornou o tema mais amplo e a discussão mais rica.

Um fato marcante foi que, no decorrer da conversa, discutindo sobre os locais mais adequados para alocar poços e valas, devido à infiltração da água no solo e possíveis contaminações, um dos caciques não acreditou que a infiltração realmente acontecia. Assim, para exemplificá-la, improvisamos uma atividade usando uma garrafa PET e colocando solo e água. As expectativas para ver se a água iria infiltrar e escorrer foram grandes e quando enfim isso aconteceu, a surpresa do cacique e a alegria de todos por terem presenciado esse experimento tomou conta da oficina.

No início estávamos inseguros, pois tratar sobre saneamento e suas implicações ambientais em um local totalmente diferente da nossa realidade é muito complicado, uma vez que questões de manejo e descarte de resíduos, por exemplo, envolvem culturas e costumes intrínsecos de cada região, além de terem implicado o modo como cada um enxerga o “correto”, que é subjetivo. Porém, pelo interesse e a forma como a oficina se deu, tornou-se tranquilo e agradável discutir a questão da água, esgoto e resíduos, focando nas principais demandas da área. O público foi extremamente presente e receptivo às opções e tecnologias sociais trazidas e conseguimos, portanto, levar opções mais adequadas de descarte de resíduos, tratamento de água e infraestrutura sem contradizer os hábitos que já ocorriam na região.

Ao final da oficina, recebemos uma homenagem dos caciques e professores que participaram da roda de conversa que nos emocionou muito. Eles agradeceram imensamente por termos saído de nossas casas, viajado tão longe e levado um pouco de conhecimento para comunidade. As palavras dos caciques Osvaldo Oro Não, da aldeia Tanajura, Jimaito, da aldeia Graças a Deus, Nivaldo e do professor Milton, da aldeia Cachoeirinha nos fizeram perceber a real importância da oficina naquele local e como eles dão valor ao nosso trabalho e veem importância em projetos sociais como este.

Percebemos nessa experiência que podemos de fato mudar a vida de alguém com o que, para nós, são pequenas coisas, mas, na verdade, são feitos muito grandes para os outros. E que assim, os maiores aprendizados do Projeto Rondon são essas fascinantes experiências e trocas entre o acadêmico e o cotidiano, o científico e o popular, que transformam uma realidade e melhoram a qualidade de vida das comunidades atendidas e dos alunos.

O QUE É/FOI O PROJETO RONDON PARA NÓS?

“O Projeto Rondon é uma viagem: um deslocamento de um mundo particular e acadêmico para um mundo real, diverso e fascinante; é um espelho que te faz enxergar além, tanto o próximo como a si mesmo”. Karine Zanotti - estudante de Química da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

“Participar do Projeto Rondon e de todas as particularidades que dele decorrem, foi e será uma das experiências mais gratificantes que participei como uma pessoa acadêmica e humana”. Beatriz Figueiredo Eschholz - estudante de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

“O Rondon para mim foi um abrir de horizontes e conhecer o Brasil que de fato existe, para além da sala da universidade”. Bárbara de Abreu Francisco - estudante de Engenharia Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).



A COMUNICAÇÃO SOCIAL DO PROJETO RONDON E O CONJUNTO “C”

ALEXANDRE SCHOLTZ

Coordenador de Comunicação Social do Projeto Rondon

O RECOMEÇO

Uma das primeiras menções ao Projeto Rondon neste século foi a crônica do jornalista Márcio Cotrim, intitulada “Um Brasil bem juvenil”, publicada no Jornal Correio Brasiliense, em 21 de abril de 2002. Nela, Cotrim sugere aos candidatos à Presidência da República a reativação do Projeto Rondon, que tinha sido extinto em 1989.

No ano seguinte, a Folha Online noticiou, em 21 de abril de 2003, que a União Nacional dos Estudantes apresentou proposta ao secretário-geral da Presidência da República para reeditar o Projeto Rondon. Meses depois os jornais ainda falavam na possibilidade da retomada do Projeto Rondon. O tão sonhado relançamento começou a tomar forma com a criação, em 2004, do Grupo de Trabalho Interministerial sobre “Políticas Públicas de Juventude” e se materializou em 14 de janeiro de 2005, com o Decreto Presidencial que criou o Comitê de Orientação e Supervisão do Projeto Rondon (COS), sob a coordenação do Ministério da Defesa.

A ESTRUTURA DE COMUNICAÇÃO

Para divulgar esta importante iniciativa, foi estabelecida dentro da estrutura organizacional da Coordenação-Geral do Projeto Rondon, a Divisão de Comunicação

e Marketing (DCM). A esta divisão competia desenvolver estratégias de atuação em comunicação e marketing que visavam aumentar a aceitação e fortalecer a imagem institucional do Projeto Rondon junto ao público em geral e, em particular, junto aos órgãos governamentais e aos parceiros potenciais; executar ações de

O tão sonhado relançamento começou a tomar forma com a criação, em 2004, do Grupo de Trabalho Interministerial sobre “Políticas Públicas de Juventude”

Somando esforços a essa estrutura estava a Assessoria de Comunicação do Ministério da Defesa (ASCOM/MD), que tinha a atribuição de divulgar as atividades do Projeto Rondon e manter intercâmbio de informações e comunicações com as assessorias correlatas dos órgãos interessados.

No período compreendido entre o relançamento do Projeto Rondon até o ano de 2014, a DCM optou por não divulgar abertamente as operações e atividades para não gerar expectativas e descontentamentos nas Instituições de Ensino Superior (IES) e, principalmente, nos alunos, devido ao fato de não poder atender a todos.

De 2012 a 2015, algumas IES passaram a ser convidadas para realizar a cobertura vídeo-fotográfica das operações do Projeto Rondon, incrementando as atividades realizadas anteriormente e proporcionando oportunidades para estudantes da área de comunicação participarem do Projeto.

A partir de 2015, a Coordenação-Geral modificou sua forma de se relacionar com os diversos públicos, passando a divulgar de forma aberta e intensa o Projeto Rondon. Esta abertura trouxe uma grande surpresa: os formadores de opinião e as lideranças políticas desconheciam que o Projeto Rondon funcionava desde 2005.



Aestrutura interna de comunicação foi modificada, transformando a DCM em Seção de Comunicação Social e Relações Institucionais, com a atribuição de planejar, supervisionar, orientar, coordenar, controlar e promover as atividades de Comunicação Social do Projeto Rondon; promover a interação dos rondonistas, prefeituras e comunidades envolvidas nas operações; dar maior visibilidade às ações sociais realizadas pelas equipes de rondonistas durante as operações; estimular a participação de novas Instituições de Ensino Superior nas operações; divulgar o Projeto Rondon como ferramenta de inclusão social e buscar novas parcerias, por intermédio da captação de apoio em benefício do Projeto Rondon, junto a órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como perante as entidades privadas sem fins lucrativos. A ASCOM/MD acompanhou tal mudança e ainda participa ativamente da divulgação das operações e atividades do Projeto Rondon.

Para atingir plenamente tais objetivos, com o novo direcionamento da comunicação e com o intuito de aumentar o sentimento de pertencimento dos alunos e professores que realizaram a cobertura das operações, foi criado o Conjunto “C”, formado exclusivamente por alunos e professores dos cursos de comunicação social.

Este conjunto tem por objetivo realizar a cobertura jornalística, por intermédio do desenvolvimento de ações e criação de produtos para a divulgação das atividades desenvolvidas pelas equipes dos conjuntos “A” e “B”. A experiência tem sido um sucesso e a cada operação o número de IES que enviam propostas de trabalho para o Conjunto “C” aumenta cada vez mais.

O primeiro edital para o Conjunto “C” surgiu no final de 2015, momento em que o Projeto Rondon passava por modificações conceituais e se preparava para reposicionar sua marca, modificando sua logo, a forma de se comunicar e divulgar suas atividades, fazendo jus à importância do Projeto Rondon para os rondonistas, para as comunidades assistidas e para o Brasil.

AS IES QUE JÁ PARTICIPARAM:

- Operação Paiaguás: Centro Universitário Cândido Rondon, Cuiabá/MT;
- Operação Bacuri: Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/MA;
- Operação Forte dos Reis Magos: Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS;
- Operação Itapemirim: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR;
- Operação Tocantins: Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC;
- Operação Serra do Cachimbo: Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó/SC;
- Operação Rondônia Cinquentenário: Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS.

O CONJUNTO “C” UMA PROPOSTA DIFERENTE

A proposta de trabalho do Conjunto “C” é diferente da proposta dos Conjuntos “A” e “B”. A primeira diferença é com relação ao diagnóstico. Neste item, a proposta do Conjunto “C” deve abordar o Projeto Rondon e sua estrutura de comunicação e estudar os aspectos da região abrangida pertinentes à comunicação social, tais como hábitos de consumo de mídias locais, identificação dos meios de comunicação da região e os formadores de opinião local e nacional ligados às áreas temáticas do Projeto Rondon. Outra diferença importante é que o Conjunto “C” não ministra oficinas, e sim divulga o trabalho dos demais rondonistas em tais atividades.

A equipe do Conjunto “C” realiza a cobertura antes e durante a operação, divulgando as atividades dos rondonistas dos Conjuntos “A” e “B” e as oficinas realizadas nos municípios atendidos. Igual importância deve ser dada ao período após a operação, quando é reforçada a contribuição do Projeto Rondon para o desenvolvimento e o fortalecimento da cidadania do estudante universitário e para o

desenvolvimento sustentável, o bem-estar social e a qualidade de vida nas comunidades carentes.

O principal aspecto desta proposta é o plano de comunicação. Nele estão os objetivos da cobertura ou da campanha, o quê e como se pretende divulgar, o público-alvo, os produtos e ações que serão criados e, sobretudo, a estratégia de comunicação. Tudo isso deverá estar amparado nas mídias sociais do Projeto Rondon e em matérias que serão enviadas para os meios de comunicação e formadores de opinião levantados.

INVESTINDO SEMPRE

A comunicação é peça fundamental na engrenagem do Projeto Rondon. A Coordenação-Geral entende que não há gastos com comunicação e sim investimentos. O novo posicionamento da comunicação do Projeto Rondon e a criação do Conjunto “C” são “ativos” que vieram para ficar e gerar “lucros”, ampliar a divulgação do Projeto, proporcionar a oportunidade de aplicação do conhecimento na área de comunicação e reforçar a continuidade do Rondon como importante promotor de cidadania e do desenvolvimento sustentável.



RONDON

50 ANOS



PROJETO RONDON

OPORTUNIDADE DE FORMAÇÃO CIDADÃ E CAPACITAÇÃO DE MULTIPLICADORES DE CONHECIMENTOS EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORAM

PROF.ª EMILI COIMBRA DE SOUZA

Prof.ª Coordenadora

Participar do Projeto Rondon é um diferencial no currículo tanto dos acadêmicos como de docentes na sua formação pessoal, profissional e cidadã, pois o intuito desta ação é disseminar os conhecimentos a partir de uma troca de saberes entre os universitários, professores participantes das Operações e a sociedade dos municípios brasileiros que recebem este Projeto. Fato este que contribui com o desenvolvimento e o bem-estar da população, partindo da capacitação de multiplicadores do conhecimento. Com a participação nesse Projeto, estudantes e professores podem não apenas ver, mas vivenciar a realidade brasileira, o que permite aprimorar seus valores humanitários, de responsabilidade social e coletiva, em prol da cidadania.

Baseado nessa perspectiva, os oito acadêmicos rondonistas do Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV), instituição paranaense que participou da Operação Rondônia Cinquentenário, desenvolveram atividades contemplando ações solicitadas no Conjunto A, que se direcionavam para as áreas de Saúde, Direitos Humanos e Justiça, Educação e Cultura. Elaboraram e aplicaram oficinas guiadas a essas temáticas para a população do município de Rio Crespo (RO), no mês de julho de 2017, com o acompanhamento de dois professores. Dentre essas, destaca-se, aqui, a relevância das oficinas destinadas à capacitação de professores, já que estes são os principais

responsáveis pela formação do cidadão, objetivo maior da escola nos dias de hoje.

Estas foram pensadas e elaboradas com o intuito de proporcionar momentos de repensar a prática pedagógica de maneira a contribuir para com os educadores na sua responsabilidade de formar alunos-cidadãos, solidários, participativos, conscientizando-os de suas responsabilidades enquanto pessoas partícipes de uma sociedade.

As temáticas desenvolvidas nestas oficinas direcionaram-se para as seguintes abordagens e objetivos:

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:

Enfocar o ato de contar história como uma das possibilidades de se criar vínculos afetivos, transmitir valores, estimular a aprendizagem e desenvolver a imaginação;

DINÂMICA DE GRUPO E CIDADANIA:

Promover a consciência da igualdade entre as pessoas e diminuição dos preconceitos de gênero, raça e diversidade;

INCLUSÃO SOCIAL:

Analizar os conceitos, princípios e práticas da educação e da sociedade inclusiva;

O LÚDICO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA:

Possibilitar a compreensão que jogos e brincadeiras fazem parte da vida de toda criança e podem ser usados como instrumentos de aprendizado na sala de aula;

OFICINA DE LEITURA – UMA PROPOSTA DINÂMICA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS:

Reconhecer a importância desta na formação dos discentes, partindo da premissa que incentivar a leitura não é obrigação apenas dos governantes, mas sim de todos que percebem sua real importância; e, também,

COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL:

Proporcionar o entendimento do potencial de comunicação de cada pessoa, trazendo compreensão do papel de cada um na comunicação cotidiana, contemplando os valores éticos de sua prática.

Com estas oficinas aplicadas, pensa-se ter havido contribuição para que continue ocorrendo uma educação de qualidade, que vise à formação de cidadãos capazes de responder aos desafios colocados pela realidade e nela possam intervir quando necessário, já que o processo educacional é algo historicamente produzido e ao mesmo tempo inacabado, pois está em constante transformação e ao educador cabe auxiliar na formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel social.



Foto: Ivana Caroline Pomi
Rondonista e professora de métodos e técnicas de pesquisa, comunicação e expressão e língua espanhola dos cursos de administração e secretariado executivo do Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV)
Operação Rondônia Cinquentenário

CRÔNICA

NA MONTANHA FRIA DE VARGEM ALTA

Na manhã fria de um domingo, o ônibus saiu de Vila Velha, no Espírito Santo, para percorrer mais de 121 km até Vargem Alta (ES). Fui uma das primeiras a descer, pois estava fotografando tudo. As malas tomavam conta da calçada sem asfalto coberta de grama, diante do Centro de Convivência do Idoso. O portão de madeira azul, aberto, convida a entrar. Amarelo, vou chamar o local assim, pois as paredes amarelas combinavam com nossos uniformes do Projeto Rondon. Um a um, entramos timidamente, olhando, carregando as malas uns dos outros, pegando os colchões e cobertores que previamente estavam arrumados num dos cômodos para nós.

A outra equipe, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, aos poucos se misturava com a nossa e não sabíamos que lá na frente nos tornaríamos grandes amigos.

À tarde, as duas equipes de alunos e professores pela primeira vez tomaram café juntos, um chimarrão compartilhado entre todos da roda formada no salão amarelo. Uma voz interrompe o silêncio toda vez que alguém pega na cuia: “Não se esqueça de tomar o chimarrão totalmente, fazendo a cuia roncar”. Ainda escuto mentalmente essa voz típica e suave.

Durante as semanas entre a névoa que caía todas as manhãs e as noites frias, desempenhamos o nosso mais amoroso papel: capacitar e deixar a semente. Confiança e credibilidade já criavam raízes entre moradores, professores, feirantes e funcionários do local.

As comunidades distantes, cercadas por enormes montanhas de mármore bruto e frio, eram os endereços de pessoas simples, esperançosas e com curiosidade de aprender.

Levei em minha mala, além de roupas e objetos pessoais, histórias para contar, e contei várias vezes até ficar sem voz. No olhar, nas caras e bocas ouvindo as histórias, escutando sobre um rei que sentia vergonha por nascer sem as orelhas, um menino que maltratava os animais, a linda joaninha que perdeu as pintinhas, percebi que ali também tinham pessoas que nasceram com algo que as incomodava muito. Meninos entre a praia que faziam algo de ruim com animais, como na história da joaninha. Dei-me conta que meu melhor papel era esse: “falar sério brincando”.

Depois de 15 dias longe da família, era chegada a hora de partir, cada um em seu canto, arrumando as malas. Parei e, por alguns instantes, percebi que eu não só guardava minhas roupas e objetos, mas enchia minha mala de histórias de vida, histórias de anulação, histórias de esperança, histórias de discriminação e de violência infantil.

Rondon é assim mesmo: muitas vezes entregamos e levamos de volta o que imaginávamos buscar!

ELIANA BAPTISTA GRECO ILÁRIO - UNISANTA

Operação Itapemirim/2016

TRANSFORMAÇÃO VIVER O “RONDONISMO”: DO SUL AO NORTE DO PAÍS ESTUDAR, APRENDER A SER CIDADÃO

PROF. DRA. ANA MARIA BELLANI MIGOTT

Universidade de Passo Fundo



Escrever sobre o Projeto Rondon parece tarefa fácil, mas não é. Não por não ter o que escrever, mas pelo muito que se tem para contar. Aos cinquenta anos de história, esse projeto já protagonizou um legado no território brasileiro.

Os primeiros rondonistas, entre os anos 60 e 70, talvez em seus sonhos não tivessem o alcance que este projeto causaria, mas com certeza foram visionários dessa missão. Motivados por seus atributos pessoais, familiares e comunitários, se espelharam no herói brasileiro Marechal Rondon, que brilhantemente deu o nome a esse projeto. Passados cinquenta anos, alguns slogans foram protagonizados, como: Integrar para não entregar; Uma sala com mais de 8 mil km²; Conheça um Brasil que está além dos livros; Uma lição de vida e cidadania. O Projeto se consolidou e se espalhou como as linhas do telegrafo que Rondon distribuiu por nossa pátria.

O Projeto Rondon, como um braço da extensão universitária, é realizado em estreita parceria entre diversos ministérios, governos estaduais e prefeituras, com a imprescindível coordenação do Ministério da Defesa, que proporciona suporte logístico e de segurança necessária às operações, e busca através da integração social, soluções para o crescimento e desenvolvimento sustentável de comunidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Este Projeto realiza um intenso programa de brasiliidade e de educação, pois

contribui para formação de universitários e de multiplicadores nas comunidades. É realizado com a participação voluntária e motivada dos rondonistas, com equipe multidisciplinar, convocados a levarem o que aprenderam com suas famílias, dentro da sala de aula, nos livros e nos muros das academias de forma a permitir e a consolidar protagonismos cidadão.

Os rondonistas conhecem um pouco do Brasil em cada operação. O Projeto possibilita ver um pouco da diversidade nacional, e mais que aproximá-los da realidade do País, essa oportunidade evidencia sentimentos de pertença, compaixão, altruísmo e patriotismo, por fazer parte de ações que irão transformar um meio, o seu e do outro, com o intuito de levar informação, de transmiti-la num processo dinâmico de aprender-ensinar-refletir-aprender.

Esse processo é possível quando os rondonistas se entregam a essa paixão, pois o afeto e o vínculo se dão na interrelação de pessoas e grupos, intercambiando conhecimentos, sentimentos e vivências. A experiência permite conhecer as peculiaridades do povo local, sua cultura e modo de vida, a qual servirá de base para que cada rondonista seja profissionalmente, pessoalmente diferenciado e reflexivo, sobre sua prática e a realidade encontrada.

Ao andar pelo território brasileiro, trocar experiências com a população e participar do dia a dia da organização militar, vai para além do imaginário. Conviver com regras e normas proporciona momentos ricos de conhecimentos e de reflexões. É povoar a alma motivada e voluntária do rondonista de vida. A expectativa de ser rondonista não se compara com o viver o “rondonis-

mo”, ou seja, é uma filosofia e um estilo de vida, é uma viagem inesquecível e indelével de professores e universitários.

Durante as atividades, inúmeras dúvidas e incertezas povoam a mente dos rondonistas, inclusive indagações a despeito de felicidade, qualidade de vida e sobre a realidade atual do nosso País. Tais questionamentos estavam simultaneamente presentes na maioria das oficinas, seja de maneira consciente, inconsciente ou velada, em discussões ou em pequenos grupos.

Devido à correria, ocupações e as atividades diárias há poucas pausas para refletir acerca da realidade da população brasileira, das condições dentro dos lares, da educação, da saúde, do trabalho e do lazer, e o Projeto Rondon possibilita tal parada. As pessoas, ao serem questionadas sobre mudanças no estilo de vida e o futuro que sonham para si e para os seus, respondiam de maneira enfática que não gostariam de mudar de vida e que são realmente felizes, embora fosse nítida a dificuldade e/ou a falta de saúde e outras condições de vida.

Inquestionavelmente era visível e admirável a emoção, a hospitalidade, a criativi-

dade artística, a atenção e a graciosidade dos munícipes para com os rondonistas. Nesse momento vinha à tona o pensamento sobre a operação e o papel dos rondonistas naquela localidade e o que isso contribuiria com a transformação destes como seres humanos e com a semente que foi plantada para a mudança da comunidade.

Muitos apostaram nesse trabalho e era necessário não se deixar levar pelas fraquezas e barreiras. Tornava-se indispensável vencer os obstáculos, medos e anseios, já que desempenhar o trabalho de maneira “suficiente” para eles e para os universitários é importante para o sucesso da operação. Os professores e os alunos estão preparados e dispostos a trabalhar em prol de uma sociedade mais justa e igualitária mesmo que por um período curto de tempo.

Os rondonistas sabem que não irão gerar grandes transformações, mas acreditam que o germe do bem viver é plantado naquelas terras, assim como no universo interno dele próprio, como pessoa que aprende a aprender, que ensina-aprende e reflete a vida com seus mistérios.

A lição aprendida, pessoal e academicamente, é de que a carência material não

é nada diante da riqueza natural e moral, sendo que esta convida a uma reflexão do valor que se tem na sociedade e da forma pela qual as pessoas enfrentam as adversidades do jeito egocêntrico de levar a vida.

As demonstrações de satisfação mostram que os objetivos foram alcançados e que as “mudanças” ocorrerão ou poderão ocorrer ao longo dos dias, pois ao recordar de fatos e histórias, às vezes ocorrem mudanças imperceptíveis sem saber de onde veio essa mola propulsora para a ação.

O universitário presencia que a simplicidade e pobreza estão muito próximas da miséria, mas cabem alegrias, felicidades e conhecimentos, mesmo sem ter tantos recursos quanto em outros lugares. O rondonista deixa um pouco de si, mas traz muito mais na mala da vida e da cidadania. No hino rio-grandense, em um de seus versos, está escrito “de modelo a toda terra”, mas na realidade se aprende que existem vários modelos. Eles não têm a pretensão de mudar o mundo, mas se realizaram na possibilidade de mudar o mundo de alguém em especial - o seu. Ao vestir a amarelinha, o rondonista se transforma, vive o “rondonismo” no seu ser e honra sua camiseta, seu chapéu, sua mochila, seu cantil e sua caneca, pois no seu peito vê tremular a bandeira do Brasil.

Na bagagem de volta, os rondonistas não trazem apenas os números e o entendimento da missão, mas aprendem que ouvir as pessoas, entrar em suas casas, experimentar suas comidas, suas frutas, dançar seus ritmos, conhecer suas crenças, costumes e entender como elas vivem com tão pouco. É compreender o processo de alegrias e dores pelo qual pessoas passam e vivem. Também é ficar maravilhado com as soluções que são capazes de realizar em prol de sua qualidade de vida que ora dá bons resultados, ora leva a perdas irreparáveis no bem viver dessas populações.



RONDONISTA, QUAL É SUA LIÇÃO?

Júlia Letícia da Silva Onório Discente de Terapia Ocupacional – UNCISAL.

Silmara Gabriela da Silva Fonoaudióloga formada – UNCISAL.

Maria Rosa da Silva Enfermeira – Professora da UNCISAL.

Optou-se por iniciar este texto trazendo uma breve reflexão: no âmbito universitário, somos estimulados a participar de ações voltadas para a lógica do ensino e de atividades extensionistas ou científicas. Como se sabe, estas atividades promovem carga horária prática que será requisitada para o fechamento das horas extras desenvolvidas pelo aluno para permitir a conclusão de sua formação.

O que se pretende apontar neste texto é que, embora todas estas atividades possam trazer experiências exitosas para o universitário que delas participam, nenhuma das até então citadas pode se comparar com a vivência no Projeto Rondon, que além de estimular a aquisição de conhecimentos nas áreas afins e promover a obtenção deste conhecimento sob a ótica da horizontalidade estabelecida entre rondonistas e comunidade, permite, prin-

cipalmente, o crescimento pessoal quando instiga nos participantes o desejo de deixar a zona de conforto existente em sua realidade e busca contribuir, no sentido de ações voluntárias, para o desenvolvimento de sociedades que estão enfrentando problemas multifacetados, seja por ausência de políticas públicas ou pela má implementação destas. Mas, afinal, qual lição adquirimos com esta experiência?

De início, trazemos o lema mais ouvido durante as cerimônias de abertura e encerramento: “Uma vez rondonista, sempre rondonista”. Isso, para nós, significa dizer que nos tornamos rondonistas à medida que permitimos nos afastar, temporariamente, do nosso cotidiano, para ajudar a (re)construir outros cotidianos nesse extenso Brasil. Em contrapartida, significa também que só seremos eternos rondonistas se nos dispormos a considerar essa lição de vida como um legado a ser

refletido diariamente para que as ações de voluntariado e transformação na realidade de outras pessoas sejam feitas cotidianamente, independentemente do nível de complexidade de suas atitudes pessoais.

Assim, acreditamos que será sempre rondonista aquele que não só se recordar de suas ações na respectiva operação, mas também praticar o princípio embutido na execução deste projeto: formar, não só no escopo de ações profissionais, pessoas aptas a lidar com autenticidade, empatia e capacidade de resolução das situações que afligem pessoas, grupos ou comunidades.

Participar do maior projeto de extensão do Brasil é motivo de orgulho e alegria. Quem dera todos os universitários pudessem participar de experiências como esta que se preocupa em formar pessoas com lições de vida e cidadania, concretizando seu ideal de ser uma sala de aula sem muros e com grande extensão territorial.

A vivência aqui retratada aconteceu por meio da Operação Itapemirim, especificamente, no município de Ibatiba (ES). A equipe de que se trata esta experiência é formada por estudantes e profissionais da saúde que desenvolveram diversas ações dentro deste eixo. Fazemos parte da Universidade Estadual de Ciências de Saúde de Alagoas (UNCISAL). Foram 15 dias de ações intensas que provocou cansaço físico e mental, mas trouxe para nós uma experiência indescritível válida por todos os 365 dias do ano de 2016, enquanto universitários integrados em ações extensionistas e, com toda certeza, será memorado por nós durante nossa vida profissional e pessoal. Com grande prazer, seremos sempre rondonistas!





<http://www.projetorondon.pagina-oficial.com>

PROJETO ROND



Lição de vida e de cidadania



MINISTÉRIO DA
DEFESA

